**Prólogo: O Caos Começa**

*“Apenas uma criança brincando de espada com os amigos, e nada mais.”*

Eu tinha cerca de 8 anos quando sonhava em ser um herói, um aventureiro que caça monstros e luta contra bandidos em estradas perigosas. Eu e meus amigos íamos para um bosque próximo da aldeia, onde podíamos encontrar, no máximo, alguns coelhos brancos e marrons saltitando. Alguns de nós fingíamos ser cavaleiros esqueleto ou carcaças sombrias, e então lutávamos uns contra os outros. Cada um defendendo o seu reino ou território. Eram tempos divertidos e puros.

Mas veja onde estou agora. Em uma taverna, enchendo a cara com esses caras cujos nomes nem sei. São momentos alegres que me tiram do estresse do dia a dia, mas até eu sei que isso é uma merda. Depois de um dia desgastante, venho aqui e gasto meu dinheiro com falsos amigos e pessoas desconhecidas. Uma vida desprezível, eu digo.

Trabalho em uma forja com um mestre armeiro. Eu gosto de criar espadas e preparar materiais para armaduras novas, mas consertar placas de metal que brutamontes vestem dizendo que é uma armadura, para depois voltarem reclamando que fiz um péssimo trabalho e, ainda por cima, fazer eu mesmo pagar pelo conserto, me faz repensar se eu não devia ter ficado na casa de meu pai ajudando nos campos.

Aqui é um lugar aconchegante. Entendo o porquê de vir para cá após o trabalho. Tem música boa, uma iluminação agradável e a melhor bebida da região. Já ouvi boatos de que a cerveja daqui tem um ingrediente secreto. Dizem ser um tipo de trigo especial que é plantado junto com o comum, fazendo com que as sementes germinem de uma forma diferente e cresçam mais rápido. Mas são só boatos. Eu penso que é tudo graças ao cuidado do plantio. Como meu pai dizia: “Uma semente bem cuidada traz alegria para os clientes e moedas para casa”. Sem perceber, um sorriso aparece no canto da boca.

A porta da taverna é escancarada e um homem magro, pálido e bastante preocupado entra, caindo logo após passar da entrada.

— Eles est-... eles estão chegando!! — ele diz, tentando recuperar o fôlego.

— Quem está chegando? — diz um homem alto e forte, enquanto olha para o homem estirado ao chão e beberica sua caneca.

— Os cavaleiros infernais!

— Não seja tolo. Os cavaleiros infernais não vêm para cá há anos. E eles teriam de passar pelos campos de Tenumbra para chegarem aqui. Seríamos avisados antes que conseguissem nos alcançar.

— Tenumbra está... em ruínas. — diz o homem caído, se esforçando para conseguir falar.

O homem forte bate sua caneca na mesa e se levanta. Com passos largos, vai em direção ao homem próximo à porta e o segura pela gola da camisa.

— Não brinque com isso, seu bastardo! Do que diabos está falando?!

— Eu vim de lá... não sei por que me deixaram escapar, mas me disseram para avisar que estavam chegando em Santa Calis...

— O quê?! Mas Santa Calis é uma cidade enorme e bem protegida. Mesmo se atacassem de surpresa, ainda teriam de ser muito fortes e bem preparados só para passar do primeiro muro. Por que raios pediram para você avisar que estavam vindo para cá?

— Eu... eu não sei! Mas eles eram muitos! Mais de 100 mil homens. E tinham um líder que parecia muito poderoso. Ele não vestia vermelho como os outros. Ele vestia preto e não usava sequer uma armadura forte. Apenas ombreiras e um peitoral que parecia fino. Ele montava um cavalo negro como a noite. Mesmo vindo na frente, eu demorei a vê-lo até que ficou sob a luz das lanternas. Chamavam ele de Senhor Cornéis...

— Cornéis... — diz o homem forte, reflexivo, soltando o mensageiro assustado.

Vários homens se levantam repentinamente e, pegando suas coisas, saem às pressas pela porta da taverna.

Eu não sabia o que estava acontecendo e nem quem era esse tal Cornéis, mas sabia que aquilo não era nada bom e que precisava sair dali. Estava prestes a alcançar a porta quando um grito desesperado ecoa do lado de fora. Logo após vem outro, seguido de barulhos de pessoas correndo e batidas fortes. A porta se abre me atirando para trás, fazendo-me cair sobre uma mesa.

Um homem completamente de vermelho, com uma armadura que tinha detalhes que aparentavam ser espinhos saindo dos ombros e do capacete, adentra olhando para todos os presentes. Soltando um som que parecia uma risada abafada, ele saca sua espada e balança na direção do mensageiro. O homem forte saca rapidamente uma adaga longa e o defende.

— Saiam daqui! — ele berra para todos.

Sem muita demora, todos estavam saindo pela porta. O cavaleiro de vermelho se vira para acertar aqueles que estão correndo, mas o homem joga seu corpo contra ele, fazendo-o cair para o lado.

— Seu oponente sou eu! — diz, avançando contra o cavaleiro caído.

Eu não tive muito tempo para ver se aquele bravo homem ganharia daquele demônio. Quando me dei por mim, estava correndo para fora, esbarrando em quem estivesse em minha frente. Até que tropeço em algo, e quando me viro para olhar, era uma mulher com o rosto deformado. Quase não consigo conter meu enjoo. Viro o rosto e me levanto, continuando a correr. Muitas pessoas desesperadas correndo e mais cavaleiros iguais àquele da taverna. Eles pareciam muito fortes e sedentos por sangue. Alguns gargalhavam enquanto incendiavam casas. Olhando ao longe, parecia que já haviam conseguido invadir o castelo, que também estava em chamas.

— Quando eles chegaram?! Como já fizeram tudo isso? Que o senhor nos proteja...

Enquanto me esgueirava por um beco em direção à saída da cidade, senti uma mão tocar meu ombro levemente. Instintivamente, virei e acertei uma cotovelada em quem quer que estivesse atrás de mim.

— Argh! Espera! Sou eu! O mensageiro da taberna...

Ele cobria o rosto um pouco abaixo do olho esquerdo, provavelmente onde eu o acertei. Ele não era muito mais baixo que eu, mas encolhido do jeito que estava, aparentava ser bem pequeno.

— Desculpa! Achei que fosse um daqueles monstros. O que está fazendo aqui?

— Eu estava te seguindo... Não sabia para onde ir.

Compreensível, já que todos saíram desesperados da taverna. Mesmo assim, por que ele escolheu me seguir? De qualquer forma, acho que ele pode ser útil.

— Tudo bem. Precisamos sair dessa cidade antes que nos encontrem.

— Mas o que faremos lá fora? Existem monstros por todo lado e animais selvagens que podem nos dilacerar!

— Não temos escolha. É sobreviver aos animais ou a esses demônios. Sinceramente, acho que consigo lidar com algumas feras. Agora, contra eles...

Ele parece refletir um pouco, e eu até pensei que fosse dizer que era uma má ideia. Mas, ao ouvir um enorme estrondo vindo de não muito longe, ele deu um pulo e começou a andar rapidamente na direção que eu estava indo.

— Você tem razão. É melhor irmos.

Nos aproximando do portão principal, não parecia haver nenhum dos cavaleiros. Apenas o rastro de destruição e sangue que eles deixaram. Poderíamos sair tranquilamente se não fosse pelo ressoar de cascos trotando pela estrada de tijolos cidade adentro. Um cavalo negro como a noite marchava pelo portão. Montado nele, um homem vestido da mesma cor do animal. Se não fosse pelo som dos cascos, imagino que teria avançado e não o teria notado até estar muito próximo.

— É ele... — disse o homem que me acompanhava.

Olhei para aquela expressão aterrorizada que ele esboçava e então voltei a olhar para aquele ser amedrontador. Ele olhava para todas as direções, movendo sua cabeça lentamente. Parecia deslumbrado com o que observava. Quando estava prestes a olhar em nossa direção, escondi-me e esperei. Voltei a espiar novamente só quando ouvi o barulho dos cascos se afastarem. Notei que estava com a mão tremendo, então segurei meu pulso e avancei para fora da cidade em ruínas.

**Capítulo 1: O Muro Interior**

O eco dos cascos do cavalo negro ainda reverberava em meus ouvidos enquanto nos movíamos furtivamente pelas ruas devastadas. A cidade, uma vez vibrante, agora parecia um cemitério.

— Precisamos passar pelo muro interior — eu disse, quebrando o silêncio. — Os campos além dele são nossa melhor chance de encontrar abrigo e provisões.

O mensageiro assentiu, mas eu podia ver o medo em seus olhos.

A cidade de Santa Calis era dividida em sete muros, os quais separavam o povo em classes. O primeiro rei decidiu fazer dessa forma para dificultar a invasão de inimigos, ou pelo menos retardá-los para que a realeza, e aqueles que estavam nos muros mais internos, conseguissem escapar. Não sei se funcionou, já que, ao que parece, os tais cavaleiros infernais conseguiram invadir tão rapidamente.

As classes eram divididas para manter uma certa quantidade de trabalhadores em determinadas áreas, visto que você só podia trabalhar com a profissão que herdava de seus pais e dificilmente era permitido o relacionamento entre pessoas de classes diferentes. Os soldados eram os únicos que poderiam subir de cargo e alcançar uma classe melhor, contanto que se destacassem em guerra e conseguissem retornar dela, é claro. Ou por meio de indicações internas de pessoas importantes. Dessa forma poderia ser um guarda do castelo. Mas você poderia transitar por entre todos os muros contanto que fosse cidadão de Santa Calis.

A primeira classe, ou seja, a que estava bem ao centro da cidade, pertencia à realeza, obviamente. A segunda, que cercava a primeira, pertencia à igreja e ao parlamento. O terceiro abrigava parte do exército, como: os cavaleiros de elite, os guardas do castelo e soldados renomados. A quarta era para pintores e qualquer tipo de artista. A quinta era para o resto do exército. Seguida pela sexta que mantinha comerciantes independentes e trabalhadores de diversas áreas. Pessoas comuns no geral. Sendo essa a que ocupávamos. Essa classe é o máximo que estrangeiros e mendigos podem avançar. Por fim, a última classe, a que estamos indo em direção, é a que porta os campos, os agricultores, os animais e tudo que se possa cultivar para fazer alimentos.

— E se... eles já estiverem lá? — o mensageiro perguntou, a voz tremendo.

— Então teremos que lutar — respondi, tentando manter a calma. — Não temos outra escolha.

Aproximamo-nos do muro interior, uma estrutura imponente que separava a cidade dos campos de cultivo. O portão estava escancarado, sinais de luta por toda parte. Corpos espalhados pelo chão, as marcas de batalha recentes evidentes.

— Vamos rápido — eu disse, puxando o mensageiro pela manga. — Não podemos perder tempo.

Enquanto passávamos pelo portão, os sons de combate começaram a ecoar ao longe. Percebi figuras se movendo entre as fileiras de trigo alto, sombras sinistras que nos observavam.

— Fique perto — murmurei. — Precisamos chegar ao outro lado antes que nos vejam.

Seguimos pelo campo, usando as plantações como cobertura. O cheiro de terra e sangue enchia o ar. O medo era palpável, mas não podíamos parar.

De repente, um grito e uma gargalhada alta ressoou e um cavaleiro a cavalo começou a vir em nossa direção.

— Corra! — eu gritei, empurrando o mensageiro para frente.

Corríamos o mais rápido que podíamos, com o som de perseguição atrás de nós. Cada passo nos aproximava do último muro, a barreira final antes da floresta e da liberdade.

— Ei! Venha aqui, seu animal! — uma voz gritou atrás de nós.

Me virei para ver o que estava acontecendo e vi uma camponesa sob um poste de luz. Ela encarava um cavaleiro que virou o cavalo na direção dela e começou a avançar lentamente. Ele falou algumas palavras que não pude entender. Parecia outra língua.

A camponesa começou a correr para uma escuridão que a fez desaparecer de vista. O cavaleiro foi atrás.

— É melhor corrermos. — disse o mensageiro, puxando-me pelo braço. Eu podia ver a preocupação em seus olhos.

Enquanto corríamos, minha mente não parava de se perguntar: quem era aquela garota? E por que ela nos ajudou? A inquietação crescia dentro de mim, mas não havia tempo para refletir.

Depois de não muito tempo de corrida, conseguimos alcançar o último portão. A muralha que circundava toda a cidade era, sem dúvida, imponente. Ao atravessarmos a saída, senti um pequeno alívio, mas ainda não podíamos parar.

Podíamos ter corrido quilômetros, mas parecia ainda não ser suficiente. A sensação de que, assim que parássemos, eles nos alcançariam. Minhas pernas queimavam como brasas, meu peito doía, meu corpo estava exausto e minha respiração quase me deixava. Mesmo assim, não era o suficiente. Não! Ainda tínhamos que continuar. Não podíamos ser pegos. O sacrifício daquela desconhecida não poderia ter sido em vão. Eu não permitiria que fosse. Ainda me perguntava as razões para ela ter feito o que fez.

— Espere... — O mensageiro parou, sem forças, apoiado em uma árvore. Parecia que a árvore era a única coisa que o mantinha de pé. Ele deslizou até ficar sentado na grama, ofegante. — Não consigo mais continuar...

— Não podemos parar! Eles vão nos alcançar e... — Uma estranha sensação tomou conta do meu corpo. Tudo parecia embaçado. Uma tontura me pegou desprevenido e cambaleei, andando apenas alguns passos até não conseguir enxergar mais nada.

Despertei com um pedaço surrado de pano úmido na cabeça e uma dor quase insuportável na parte de trás do pescoço. Não conseguia sentir nenhum dos meus membros. Não podia me mover. Arregalei os olhos e tentei olhar em volta. Nos alcançaram? Eu estava muito inquieto. O que fizeram com meu companheiro?

— Ah, olha só. Você acordou. — Uma voz familiar. Ele estava comigo.

— O que houve? Não lembro de muita coisa... — Quase não pude ouvir minha própria voz. Nem parecia uma fala, mais como um chiado.

— Você parece péssimo. Acho que se esforçou muito. — Ele pôs a mão sobre a minha testa, aparentando preocupação.

Conseguia sentir o calor de uma fogueira próxima, mas não podia vê-la. Ele se afastou e então retornou com algumas folhas de aroma peculiar.

— Mastigue estas. — Ele pôs algumas em minha boca. — Serviriam melhor em um chá, mas não consegui encontrar nada em que pudesse ferver água... — Ele levantou-se e deu alguns passos, sentando-se ao meu lado. — De qualquer forma, nem temos água mesmo. — Ele sorriu. — Pelo menos você parece bem... na medida do possível.

Engoli as folhas que tinham um gosto similar a hortelã, com um toque de alecrim. — Obrigado..., mas o que... — Fui interrompido por um balançar de folhas logo atrás de nós.

— Mas o que! Será que eles... — Ele se levantou assustado, pegando um pedaço de pau que serviria de lenha mais tarde.

As folhas balançaram mais ferozmente e então pararam. Um silêncio se seguiu. Não podia ver muito, mas meu amigo parecia preocupado.

— Havia alguém nos observando... Tenho certeza. Mas por quê? — Ele relaxou um pouco, mas ainda estava alerta, pronto para atacar se alguém surgisse. — Ficarei de guarda a noite toda, não se preocupe. — Disse com confiança, um sorriso acolhedor no rosto.

Eu não queria deixar meu amigo guardar sozinho. Eu sabia que ele estava tão cansado quanto, ou até mais, do que eu. Foi uma noite péssima para qualquer um a pelo menos três quilômetros de distância daquela cidade. O medo tomava conta de qualquer um nessas condições. E o desespero... De repente, percebi que não sabia o nome daquele que me acompanhava até aqui.

— Eu acho que não sei seu nome... — Minha voz saiu tão fraca que nem mesmo eu pude ouvir.

— Como?

— Seu nome... — Ainda fraca, mas audível.

— Ah, sim.... Meu nome é Kalifh. Kalifh de Ilkan. — Ele sorriu novamente.

Kalifh de Ilkan... Eu realmente estava feliz por tê-lo ao meu lado. Não saberia dizer se teria conseguido me manter firme sem a companhia dele.

— Althen..., de Saibin. — Fiquei contente de conseguir pronunciar meu nome quase que normalmente.

— É um prazer, Althen. Você é um homem forte por ter aguentado tudo isso. Eu diria que você me salvou. Sou muito grato a você. — Kalifh olhou para baixo, como se estivesse repassando o que passamos nesse dia, e parecia, de certa forma, contente por algo.

Que homem tolo. Eu que precisei ser salvo. Não pude pensar muito até sentir estar perdendo a consciência novamente. Enquanto a escuridão tomava conta de mim, o som distante da floresta nos envolvia, e eu sabia que, com Kalifh ao meu lado, havia uma chance de sobrevivermos.

**Capítulo 2: Uma Nova Amizade**

Desperto com um ruído e o balançar de folhas perto de mim. Abro os olhos e instintivamente me ponho sentado. Meu peito dói quase que instantaneamente. Coloco a mão sobre ele e me sinto muito tonto.

Uma voz ressoa por meus ouvidos. Algo era familiar naquilo. E então meu corpo se arrepia e, por um instante, congelo. Meus olhos arregalam-se. Viro meu rosto em direção ao som o mais rápido que minha coragem permite. Não podia acreditar no que estava vendo. Três daqueles cavaleiros infernais estavam me encarando, como se fossem capazes de enxergar até minha alma. Pareciam poder sentir meu medo como se fosse um belo aroma enquanto riam. Gargalharam como se eu fosse um palhaço fazendo uma apresentação em um palco e eles fossem a plateia apenas admirando e curtindo.

Um sentimento pavoroso tomou meu corpo, e meu medo ficou maior. Mas não dos cavaleiros que riam de mim. O cheiro de sangue que sentia não estava vindo de mim. Não estava machucado. Virei-me rapidamente para o outro lado e o vi logo ali, estirado sobre o chão, já sem vida. Não havia como descrever meu desespero, minha angústia e meu terror ao presenciar aquele cadáver tão familiar. Meu amigo já não estava mais comigo.

Eu estava em completo transe. Não podia nem ao menos piscar. Apenas observava aquela cena com as gargalhadas dos assassinos adentrando fundo em minha mente e ecoando como se fosse apenas isso que eu fosse capaz de escutar. Até que senti alguns dedos tocarem minha cabeça. Uma voz me chamava, e de repente abro meus olhos e me sento novamente.

— Que alívio! Eu achei que havia morrido — Kalifh mantinha a outra mão sobre o peito, soltando um suspiro exagerado de alívio. — Enquanto você dormia, me certificando de que não encontrava nenhum inimigo nas redondezas, andei um pouco naquela direção — disse, apontando para entre algumas árvores — Consegui encontrar um córrego. E adivinha? Consegui um pouco de argila também e até assei dois copos de barro para podermos beber a água. — Ele mostrou dois copos meio quadrados e com as bordas bem tortas, mas aparentava estar muito orgulhoso e esboçava um sorriso contente. — Não são os copos mais bonitos do mundo, mas vamos poder beber água — Ele riu.

Permaneci o encarando enquanto ele punha algumas folhas dentro das canecas. Aparentavam ser as mesmas que ele havia me dado na noite anterior. Relaxo um pouco. Tudo aquilo foi um sonho? Um horrível pesadelo... Coloco a mão sobre a testa e então percebo que já estou conseguindo me mover de novo.

— Você parece bem recuperado! — Colocando as canecas de lado, ele rolou um tronco para mais próximo de mim. — Fico contente por isso. Você dormiu por algumas boas horas. — Ele apontou para cima. — Percebe? O Sol já passou bastante do topo. Já estamos quase chegando ao fim da tarde. — Voltando a olhar para a fogueira, ele disse — Talvez seja melhor andarmos um pouco mais. Se ficarmos muito tempo aqui, podem nos encontrar. Não acha?

Assenti com a cabeça e notei que não havia dito nenhuma palavra desde que despertei do meu tormento.

— Eu acho que sim... — Minha voz saiu normalmente.

— Muito bem! — Por sorte, eu sei um jeito de transportar a brasa sem que ela apague. Dessa forma, não será difícil acendermos outra fogueira. — Então ele se levantou e começou a pegar algumas coisas.

Coçando a cabeça enquanto tentava assimilar o que aconteceu e colocar meus pensamentos em ordem, abaixei um pouco o olhar e vi que ele havia me coberto com o seu casaco. Só então notei que ele estava apenas com uma camisa e um colete fino.

Mesmo coberto com o casaco dele, estando com roupas razoavelmente equipadas para o frio e com uma fogueira próxima, eu ainda senti um desconforto durante a noite. Não consigo imaginar como ele ficou. Começo a me sentir bastante culpado.

Kalifh usou um cogumelo seco para armazenar uma brasa que de tempos em tempos ele chacoalhava para manter acesa. Achei aquilo bem impressionante. Depois de desmancharmos a fogueiras, escondendo nossos rastros, partimos por uma trilha. Caminhamos bastante até encontrarmos um rio, que Kalifh disse ser bom seguirmos. Segundo ele, com sorte acharíamos algum assentamento ou talvez um moinho d’água. E estava certo. Depois de não muito tempo encontramos um moinho e uma fazenda. Inicialmente achamos ter encontrado um bom lugar para pedir por suprimentos e hospedagem. Porém, no aproximando, percebemos que estava em ruinas. Provavelmente atacada pelo terrível exército. Lamentamos a morte daquelas pessoas inocentes e continuamos nossa jornada.

Com o Sol a ponto de se pôr, decidimos acampar novamente. Dessa vez ajudei Kalifh com o fogo que, realmente, não foi difícil acender. Coletei algumas madeiras e ele até me ensinou outras formas de fazer uma fogueira. Havia algumas que eram mais recomendadas para o frio, como a fogueira de corpo inteiro. E outras que eram mais praticas para economizar lenha, como a fogueira estrela. Nesse ponto eu já havia devolvido o casaco do meu companheiro. Também estávamos em uma região um pouco mais quente, então não teríamos problemas com o frio.

Quando terminamos de arrumar o lugar, arrastamos um tronco caído para perto da fogueira e nos sentamos.

— Então... O que você fazia nos campos de Tenumbra antes do ataque acontecer? — Perguntei curioso.

— Eu estava ajudando alguns amigos da minha família. Eles necessitavam de gente para cuidar dos animais e das lavouras. — Kalifh cutuca um pouco o fogo e continua — Eu estava lá há uns cinco anos, mais ou menos. Meu pai me disse que eu deveria ser alguém melhor do que um caçador. Que deveria levar uma vida mais digna. — Ele fez uma pausa antes de continuar — Foi com ele que eu aprendi algumas das habilidades de sobrevivência que sei. Outras foi por conta própria. — Aparentando relembrar dos tempos que estava me contando, ele sorriu — Ele me ensinou a usar o arco e flecha, sempre me ajudando. Quando nós íamos caçar e eu errava ele dizia: “Foi quase, filho! Quase que você o pega!”. – Seu sorriso foi sumindo aos poucos – Outro motivo para eu ter ido embora é que nós estávamos passando por uma crise... – Diz apoiando os braços sobre as pernas – Ninguém estava querendo comprar as peles e a carne dos animais que caçávamos. Desde que caçar sem a permissão do rei tornou-se um crime grave, todos ficaram com medo de se envolver com quem fazia isso – um suspiro meio triste – E então o inverno chegou e não tínhamos dinheiro para comprar comida. – No início apenas comíamos as carcaças que havíamos caçado, mas quando essa acabou..., começamos a passar fome. O inverno passou e nós sobrevivemos, mas eu percebi que se ficasse ali, seria apenas mais uma boca para ser alimentada. Sem mim, eles poderiam estocar as comidas por mais tempo e não passariam o inverno com muita dificuldade. Uma pessoa a mais para ser alimentada faz muita diferença quando a comida é pouca. – Ele se endireitou e sua expressão melhorou – Então eu saí de casa e passei a ajudar nas lavouras de Tenumbra. De tempos em tempos eu voltava para lá com dinheiro e comida para ajudar eles, principalmente no inverno. Uns dois anos depois da minha partida, minha mãe adoeceu e não conseguiu resistir. Meu pai se sentindo sozinho e triste, teve o mesmo destino.... Eu o visitei mais frequentemente após a morte dela, mas ele estava inconsolável e também não queria sair daquela casa. Ele dizia que morreria lá junto com ela. E foi o que aconteceu. – Ele enfim olhou para mim – Eu estava sem ninguém desde então. Mas agora eu tenho você, amigo. – Ele sorri e eu também.

Olho para a fogueira pensativo, refletindo sobre a história de Kalifh. O crepitar do fogo e o brilho das chamas criam uma atmosfera de introspecção.

— Eu sinto muito por sua perda, Kalifh. — Digo, finalmente quebrando o silêncio. — Parece que você fez o melhor que podia para ajudar sua família.

— Obrigado, Althen. — Ele responde, balançando a cabeça lentamente. — E você? O que te trouxe às terras de Tenumbra?

Suspiro profundamente antes de começar a falar. — Eu era apenas um viajante. Sempre fui curioso sobre o mundo além da minha vila natal. Meus pais sempre me encorajaram a explorar e aprender, a ver o que há além do horizonte. — Faço uma pausa, lembrando-me dos rostos dos meus pais. — Eles eram fazendeiros simples, mas sempre tiveram grandes sonhos para mim.

— Eles devem estar orgulhosos de você. — Kalifh comenta com um sorriso encorajador.

— Espero que sim. — Respondo, sentindo uma pontada de saudade e preocupação. — Depois do ataque em Santa Calis, acho que é hora de voltar para casa. Preciso ver como eles estão.

Kalifh acena com a cabeça, compreendendo. — Claro, Althen. Vamos juntos. E quando encontrarmos um lugar seguro, poderemos planejar nossos próximos passos.

Na manhã seguinte, acordamos cedo, desmontamos o acampamento e continuamos nossa jornada. Seguimos o rio, sempre atentos a qualquer sinal de perigo. O caminho é longo, mas Kalifh e eu mantemos o espírito alto, conversando sobre nossas esperanças e medos.

Finalmente, depois de alguns dias de viagem, avistamos uma pequena aldeia ao longe. Aproximamo-nos com cautela, mas somos recebidos por aldeões amigáveis. Eles nos oferecem comida e abrigo, e nós aceitamos com gratidão.

— Sejam muito bem vindos! Eu sou a Oliagh. — Diz uma mulher simples vestida com roupas de camponesa. Seu cabelo um pouco grisalho destacava seu rosto redondo e seus olhos escuros. — Minha casa não é muito grande, mas temos espaço para abrigar viajantes. — Ela sorri de uma maneira tão meiga que não consigo deixar de me sentir sem jeito enquanto desvio olhar e passo a mão atrás da cabeça.

— Vocês são muito gentis. Espero que eu e meu amigo não sejamos um incomodo para vocês. — Naturalmente responde Kalifh.

— Imagina! Ficamos sabendo do ataque a grande cidade de Santa Calis. Estamos dispostos a abrigar sobreviventes. — Ela olha para mim e então para Kalifh ainda mantendo seu sorriso. — Podem ficar o tempo que precisarem.

— Nós agradecemos muito a hospitalidade — Enfim respondo e tento sorrir de forma natural.

Oliagh nos guiou para sua casa e estava nos mostrando onde ficaríamos, até que a porta se abre e entra um homem encorpado, com uma barba destacada e usando um chapéu de palha.

— Então esses são os visitantes que ouvi falar! — Ele se aproxima de Kalifh e o cumprimenta com um aperto de mão e, logo após, se dirige a mim. — Me chamo Katreh. Sou o senhor dessa casa. — Ele sorri amigavelmente — Imagino que já tenham conhecido minha esposa, Oliagh. — Diz aproximando-se de sua esposa e enlaçando um dos braços em volta da mulher.

— Com certeza — Respondi sorrindo — Sua esposa foi muito receptiva. Agrademos muito por nos deixarem ficar em sua casa.

Kalifh sorriu também e assentiu com a cabeça. Então, após nos acomodarmos, sentamos a mesa com o casal e contamos a eles a história da nossa jornada. Ouvindo atentamente eles concordavam com a cabeça e nos faziam perguntas, que respondíamos contentes por termos para quem compartilhar nossa aventura.

Após um tempo de conversa, eles nos serviram o jantar e todos fomos nos deitar. Eu estava no mesmo quarto que Kalifh, mas em camas diferentes.

— Kalifh.

— Sim? — Ele responde virando-se em minha direção.

— Estou contente por termos encontrado esse lugar.

— Eu também. — Ele responde parecendo animado — Mal posso esperar para conhecer a aldeia amanhã.

— É mesmo. — Sorrio — Boa noite.

— Boa noite, Althen.